

ISSN: 1983-8379

**Entre polarizações ideológicas e transformações sociais:  
Lucia Miguel Pereira e a questão do engajamento intelectual**

Izaura Regina Azevedo Rocha<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo pretende examinar a postura intelectual da escritora e crítica literária Lucia Miguel Pereira (1901-1959) no contexto dos enfrentamentos ideológicos resultantes da polarização política pós-Revolução Russa e Primeira Guerra Mundial, cujos reflexos atingem o Brasil e repercutem na intelectualidade nacional da primeira metade do século XX. Aversa a extremismos e defensora de uma postura humanista e independente, entra em choque com o escritor comunista Jorge Amado, travando com ele um debate público na imprensa sobre o engajamento intelectual.

Palavras-chave: Intelectuais; Engajamento; Feminismo; Romance

**ABSTRACT:** The article aims to examine the intellectual posture of the writer and literary critic Lucia Miguel Pereira (1901-1959) in the context of ideological confrontations resulting from political polarization after the Russian Revolution and World War I, whose reflections reach Brazil and reverberate in the national intelligentsia in the first half of the twentieth century. Averse to extremism and advocate of a humanistic approach and independent, Lucia enters into dispute with communist writer Jorge Amado, waging a public debate with him in the press about intellectual engagement.

Keywords: Intellectuals; Engagement; Feminism; Novel

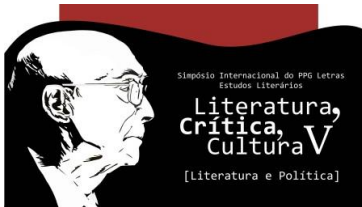
Lucia Miguel Pereira começa a produzir crítica literária no início dos anos 30, década em que a inquietação formal e estética que engendrou os movimentos vanguardistas dos anos 20 foi sucedida pelo engajamento social e político dos intelectuais. Essa preocupação é externa e internamente vinculada à polarização ideológica entre direita e esquerda, entre fascismo e comunismo, que repartiu o globo após a Revolução Russa de 1917, e à desilusão com o liberalismo econômico e o sistema democrático representados por uma América imersa em recessão e miséria.

A escritora brasileira produz no limiar entre duas guerras mundiais, e seus textos do período são impregnados da angústia desses tempos de antagonismos, violência e brutalidade:

Por toda parte, as barreiras se levantam, alteiam-se as muralhas, enrijam-se as couraças. Cada corrente de idéias é uma bandeira desfraldada sob a qual o toque de recolher agrega os fiéis. Há como uma necessidade de se afirmar, não somente por

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFJF



ISSN: 1983-8379

alguma coisa, mas *contra*<sup>2</sup> alguma coisa. E de sobrepor aos demais o ponto de vista de cada clã. Raras, raríssimas, são as inteligências capazes ainda de largueza, da serenidade que fazem a doçura da vida. E estas, temo-las como antiquadas, como avant-guerre. A cultura vai lentamente deixando de ser uma fonte de finos prazeres para se fazer uma arma de combate. (PEREIRA, 2005a:27)

Avessa aos extremismos ideológicos, Lucia denuncia a cooptação da intelectualidade pela política e lamenta “nossa desgraçada época” (PEREIRA, 2005a:28), em que a inteligência já não pode “ficar imóvel, como um observador sereno e desapaixonado” (PEREIRA, 2005a:28). Nesse novo mundo dividido, o intelectual é o “bárbaro da inteligência” (PEREIRA, 2005a:28), que abusa de seu poder: “Está em ruptura de equilíbrio, e pende naturalmente para um só lado, o lado mais pesado, o das paixões do momento.” (PEREIRA, 2005a:28)

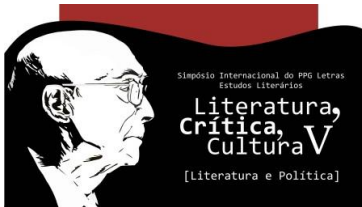
Profundamente marcada pela formação humanista de influência francesa, Lucia é uma defensora da liberdade intelectual, da razão, do equilíbrio, e resente-se do “barbarismo do homem do século XX” (PEREIRA, 2005a:28), do irracionalismo de tempos de violência que convoca todos a escolherem um lado da trincheira.

É a essa polarização que ela irá se opor em suas análises literárias de obras alheias e que não admitirá nos seus próprios romances – o que motivou a polêmica da autora com o escritor Jorge Amado, criticado por fazer de *Cacau*, *Suor* e *País do Carnaval* “livros de propaganda” (PEREIRA, 2005a:101). E é essa mesma postura que pode explicar a rejeição de Lucia a uma identificação pessoal com o movimento feminista, que sustentará ao longo de toda a vida, apesar de quatro romances que tratam da condição social da mulher.

Um exemplo óbvio dessa postura é a já citada polêmica que envolveu Lucia e o escritor Jorge Amado num bate-boca pelos jornais em 1934, opondo o comunismo de um e o catolicismo da outra. A discussão começa com um artigo em que Lucia condena a intervenção do ideário político do autor em *Cacau*. O artigo é uma defesa de *Maleita*, um dos primeiros romances de Lúcio Cardoso – escritor que teve em Lucia Miguel Pereira pioneiro reconhecimento de seu talento. Lucia responde a uma crítica de Jorge Amado, que, em texto sobre a obra de Cardoso, definiu *Maleita* como um “romance catolicizante”, “um romance de simples literatura”, “sem outra finalidade que divertir leitores gordos e ricos” (AMADO,

---

<sup>2</sup> Grifo no original



ISSN: 1983-8379

1934) – e assim, segundo Lucia, o autor baiano reivindica para o romance uma finalidade, “quer subordiná-lo aos interesses de uma causa” (PEREIRA, 2005a:100), o que ela reprova: “O romancista não pode ter uma finalidade preconcebida sem correr o risco de sacrificar o homem ao tempo, a imprevisibilidade da vida à rigidez das teorias.” (PEREIRA, 2005a:100)

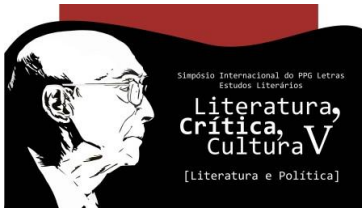
Para Lucia, isso não significa uma completa abstenção do intelectual diante da realidade – a arte pela arte – mas a sua convicção deve ser um início e não um fim: “Se for necessário o romancista influir para que o sentido do livro corrobore o das doutrinas, então é que estas não assentam na realidade total. É uma confissão de fraqueza” (PEREIRA, 2005a:101). *Maleita* teria sua força exatamente no fato de não ter uma finalidade. Jorge Amado, ao contrário, estaria desperdiçando seu talento com “essa mania de provar, de visar um alvo” (PEREIRA, 2005a:101):

Os seus livros, nitidamente parciais, livros de propaganda, esses sim, é que se destinam aos ‘leitores gordos e ricos’, não para diverti-los, mas para os convencer. Para os seus correligionários é que não haveria de escrever romances intencionais; não se prega a convertidos. (PEREIRA, 2005a:101)

Em resposta à crítica, Amado escreve *Sobre romance intencional*, apontando em Lucia problema equivalente ao que ela identificou em sua obra: “Todos sabem que Lucia Miguel Pereira é uma escritora reacionária, comprometida com a religião. Ela escreve em função da moral católica. Os artigos e os romances da autora de *Em Surdina* são panfletos católicos, bem escritos, equilibrados, mas... políticos.” (AMADO, 1934)

O autor se refere especificamente à solução dada por Lucia para a protagonista do livro, Cecília, que se resigna a um destino de solteirona para preservar um mínimo de liberdade pessoal. Como surpreendente último capítulo, apenas uma citação de Rilke: “Penso que não se pode nunca saber se Deus entra numa história antes dela estar de todo acabada. Mesmo se só faltarem duas palavras, mesmo que não houver mais nada senão a pausa que segue as últimas sílabas do conto, Ele pode sempre chegar ainda.” (PEREIRA, 2006:266)

O escritor lembra que esse partidatismo da autora já havia sido identificado pela crítica em seu primeiro romance, *Maria Luisa*, no qual Lucia parece ser “governante de suas personagens” (AMADO, 1934). Ele afirma: “E tão premeditada é essa atitude que se repete inteirinha no *Em Surdina*, romance que sofre do mesmo defeito que ela aponta no *Cacau*,



ISSN: 1983-8379

torcido, parcial, livro de propaganda da moral católica. Afinal, por que ruiu toda aquela família? Pela falta de Deus”, argumenta o escritor. (AMADO, 1934)

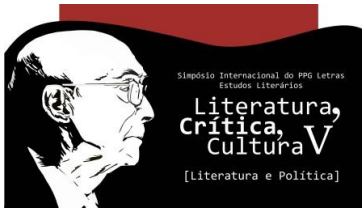
Jorge Amado detectou com precisão a influência do pensamento católico sobre os trabalhos do início da carreira de Lucia, que, nos anos 30, se vinculou ao grupo de intelectuais brasileiros atraídos ao movimento Renovação Católica por influência da conversão religiosa de Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima). Em suas primeiras investidas como ensaísta e crítica literária, Lucia colaborou com a revista *A Ordem*, publicação do Centro D.Vital<sup>3</sup>. A adesão da elite intelectual brasileira a esse movimento foi tamanha que Jorge Amado afirma no mesmo artigo que “Tristão de Athayde dividiu os campos políticos do romance brasileiro moderno” e puxou todos “para dentro da Igreja” (AMADO, 1934), às únicas exceções de Rachel de Queiroz e dele mesmo.

A réplica de Lucia Miguel Pereira se dá em artigo breve, no qual ela afirma ser a primeira a reconhecer as falhas estruturais de seus romances, mas em que contesta a parcialidade dos mesmos – “a não ser a que decorra da simples escolha dos temas” (PEREIRA, 2005a:104). Lucia não se estende sobre o assunto. Essa afirmação quase elíptica sugere, entretanto, uma reflexão sobre a unidade temática de seus romances, nos quais há uma clara opção por narrar o despertar intelectual de jovens mulheres em busca de um novo lugar na sociedade.

Seria possível argumentar que, considerando-se o aspecto central de sua obra, Lucia Miguel Pereira não teria escapado ao intencionalismo em sua própria produção ficcional – afinal, ela escreveu quatro romances sobre a condição da mulher, *Maria Luisa*, *Em Surdina*, *Amanhecer* e *Cabra-Cega*. Em última análise, não seriam também eles parciais e políticos, portanto engajados e feministas? Lucia, contudo, não consideraria seus romances feministas, pois jamais se sentiu uma militante do feminismo e sustentou até o fim da vida uma veemente recusa a rótulos e etiquetas, por considerá-los reducionistas. Tomados no contexto de suas reflexões sobre a literatura – e de sua elaboração teórica sobre o gênero romance – vemos que, mais do que compreendê-lo como um espaço de expressão do feminino e de suas próprias angústias diante da condição da mulher, Lucia atribui ao romance um caráter experimental e de reflexão sobre a realidade. E é por isso que desloca as questões de gênero para a ficção,

---

<sup>3</sup> Instituição da Coligação Católica Brasileira (CCB) criada em 1922 por Jackson de Figueiredo com o objetivo de congregar intelectuais dispostos a um movimento político, social e literário de reação ao materialismo.



ISSN: 1983-8379

sentindo-se desobrigada de refletir mais profundamente sobre a autoria feminina em seus trabalhos de crítica e história literária.

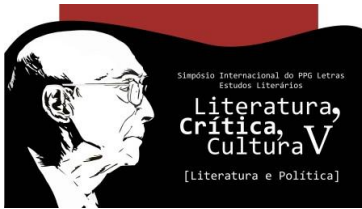
A obra de Lucia Miguel Pereira foi, portanto, construída numa época de transição marcada por grandes transformações culturais mundiais, com reflexos e características particulares no Brasil. É um documento de testemunho e, mais do que isso, participa dos efeitos dessas mudanças no universo literário e dos conflitos que a modernidade e as contradições brasileiras do período impuseram à literatura em geral e à produção literária brasileira em particular.

A autora age como uma cronista de seu tempo, registrando e comentando em vários artigos as transformações, com olhar crítico e inovador. E estabelece relações entre essas mudanças – tecnológicas, políticas e sociais – e o romance como gênero literário moderno<sup>4</sup> na alvorada do século XX. A autora não está atenta somente às convulsões políticas que redesenham o mundo e às repercussões das inovações tecnológicas, pois parece particularmente preocupada com as mudanças sociais em relação ao status da mulher no Brasil. Do ponto de vista privilegiado de sua condição de uma das raras intelectuais femininas do país – portanto, no papel de pensadora –, lança um olhar quase sociológico sobre as mulheres de sua época, transformando-as em objeto de estudo nos quatro romances que publicou entre os anos 30 e 50. Com eles investiga as possibilidades que se anunciam para a mulher num mundo em rápida e dramática transformação, os obstáculos que ainda se interpõem em seu caminho, os preconceitos que resistem às aberturas de espaços no mundo do trabalho e da educação, as angústias e sentimentos de culpa provocados pelo conflito entre desejos de emancipação política e intelectual e sonhos de realização afetiva ainda turvados por convenções sociais francamente sexistas.

Lucia compreende o romancista como uma testemunha de seu tempo, alguém que, “em matéria de ação social” (PEREIRA, 2005b:199), deve denunciar seus erros e misérias, sem, entretanto, incorrer no equívoco de subjugar o texto ao panfleto ideológico. Avesa a esse engajamento da arte, ela ressalta a necessidade de que essa denúncia se processe na obra sem que o escritor saia “dos seus meios de expressão” (PEREIRA, 2005b:199), numa clara

---

<sup>4</sup> Empregamos a palavra aqui no sentido de atual, de tempo presente (em relação à produção contemporânea à autora).



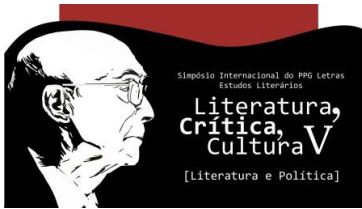
ISSN: 1983-8379

sobreposição da estética à ética. É o que tentará fazer em seus quatro romances. Os três primeiros, especialmente, escritos nos anos 30, captam as dúvidas existenciais de suas protagonistas – jovens mulheres de classe média – diante de uma sociedade em violenta transformação, agitada pelas primeiras conquistas femininas no campo público, como o direito de voto e o acesso ao ensino superior, que se consolidam nessa década como resultado do movimento feminista iniciado em meados do século XIX.

As reivindicações feministas já contam então com uma história de lutas e avanços importantes, mas, ainda que novas perspectivas de atuação e realização se abram nesse momento para as brasileiras, persistem resistências e preconceitos que impedem e bloqueiam a efetiva emancipação da mulher no país – a sua independência econômica, que necessariamente implicaria romper os limites do ambiente familiar e da dedicação exclusiva às responsabilidades de esposa e mãe. Os romances de Lucia Miguel Pereira focalizam exatamente os conflitos de jovens nesse momento de transição, em que a reclusão doméstica já não é o único horizonte possível para elas, mas dar o passo decisivo rumo à realização pessoal desvinculada da esfera do lar e do casamento, à emancipação plena através da educação e do trabalho, é algo sofrido, complexo, imprevisível e assustador.

As personagens lidam com sentimentos contraditórios em relação a suas aspirações pessoais e às demandas que uma sociedade conservadora ainda impõe às mulheres. Veem-se progressivamente diante da possibilidade de escolher, mas têm dúvidas e medos, inseguranças. Para quem o ideal do romancista é “resumir o geral no particular” (PEREIRA, 2005b:81), Lucia descortina, através das angústias de suas protagonistas – Maria Luisa, Cecília, Aparecida e Angela –, a “inquietação do homem em face do destino” (PEREIRA, 2005a:154) que acompanhava a mulher brasileira daquela geração, situada entre um mundo que hesitantemente se retira e outro que precipitadamente tenta se estabelecer. Se, conforme sustenta a autora em sua obra crítica, o romance traça o desenrolar de uma crise, os seus flagram em todas as suas nuances as crises de jovens mulheres diante dos papéis que ainda lhes eram reservados.

Tendo em comum a questão da condição feminina nas primeiras décadas do século passado, os romances de Lucia compõem um conjunto compacto e preciso que imprimem a sua obra ficcional um caráter de profunda unidade temática – unidade que, entretanto, não os



ISSN: 1983-8379

reduz. Ainda que muito apegados a uma problemática que pode ser datada como de uma época em particular, os conflitos que as protagonistas de seus livros sofrem ultrapassam as condicionantes específicas daquela sociedade que os gerou, para representarem uma questão mais funda: os obstáculos à realização integral do EU.

É a busca dessa condição plena que move as personagens. A luta pela emancipação feminina adquire, assim, dimensão muito mais densa e profunda do que a de mera reivindicação de igualdade social – é a defesa feroz de “seu direito à existência” (PEREIRA, 2006:194). Todas as personagens se indagam o tempo inteiro quando começarão de fato a viver aquela vida com V maiúsculo, plena. Defendem o direito de exercerem livremente a sua personalidade, a sua individualidade, os seus sonhos, as suas ambições.

Dessa forma, Lucia Miguel Pereira conseguiu preservar seus romances daquela parcialidade que condenava na literatura socialmente engajada, partidária de uma causa. Para usar suas próprias expressões, as questões de gênero não absorveram a humanidade de seus personagens, que em nenhuma instância se enquadram na posição de feministas. A autora focou os conflitos muito humanos de uma geração – e se o mundo mudou tanto nos últimos 80 anos, também é verdade que aquela realização plena ainda não é uma realidade para inúmeras mulheres.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. Sobre Romance Intencional in Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 26/10/1934, p.2.

MARCHANT, Elizabeth A. Cultural arts: latin-american women and cultural criticism. University Press of Florida, 1999. Disponível em [www.question.com/reader/action](http://www.question.com/reader/action). Acesso em 25 jul. 2008.

PEREIRA, Lucia Miguel. A Leitora e Seus Personagens. 2ª edição. Rio de Janeiro: Graphia, 2005a.

\_\_\_\_\_. Escritos da Maturidade. 2ª edição. Rio de Janeiro: Graphia, 2005b.

\_\_\_\_\_. Ficção Reunida. Curitiba: Editora da UFPR, 2006.